

## *Esporte e Juventude no Borel*

---

*Eline Deccache-Maia*

Sentei no chão do pátio do Ciep, no morro do Borel, à espera do início da aula de futebol, previsto para as 16 horas. Esperaria cerca de uma hora. Nesse período, fiquei observando as atividades recreativas que aconteciam. Oró, agente comunitário que atua como instrutor das atividades recreativas, sentou-se ao meu lado e começamos a conversar. Os garotos que freqüentam a escolinha de futebol vão chegando aos poucos, trajando suas indumentárias futebolísticas que exibem com orgulho, apesar da aparência desgastada. Ao verem que Oró estava ao meu lado, três meninos aproximam-se e sentam-se perto para escutar a conversa. Aproveito a oportunidade para saber um pouco sobre a lógica espacial do morro e pergunto onde fica a Chácara do Céu. Ele me aponta para a parte mais alta do morro, onde há uma igrejinha, dizendo que o morro do Borel é a parte que pode ser vista da escola, e que o outro lado está voltado para o morro do Andaraí. Diz, ainda, que da Chácara do Céu tem-se uma vista linda. Fui logo dizendo que adoraria conhecer e perguntando se ele poderia me levar até lá. Ele responde que a pessoa mais indicada para isso seria o Marcelo, porque ele não podia ir àquela

---

*Nota:* Agradeço aos professores Gilberto Velho e José Sergio Leite Lopes pelas valiosas sugestões. Agradeço à Faperj o financiamento concedido para a realização da pesquisa “O esporte na década de 90: da profissionalização à massificação”, que fundamenta parte das reflexões aqui desenvolvidas.

parte do morro. Perguntei por quê, e ele respondeu que as pessoas da área onde ele mora não freqüentam a Chácara, pois é arriscado. Insisti perguntando se havia alguma proibição para isso, ele disse que não, mas que preferia não ir. Olhando o morro, ele me aponta um local onde estão dois policiais e diz que há mais ou menos um mês a polícia tinha se instalado na favela e por isso o tiroteio tinha cessado; no entanto, a mesma polícia que tinha terminado com a guerra entre o tráfico agredia os moradores de forma arbitrária, principalmente à noite – horário mais comum de chegada do trabalho –, inibindo dessa forma a circulação dos moradores pelas ruas do morro. Os moradores não só eram incomodados nas ruas, como também viam suas casas sendo invadidas tanto por policiais quanto por bandidos. Oró contou que sua própria casa havia sido invadida por policiais que quebraram tudo na busca de algum flagrante. Um dos meninos que ouvia atentamente a conversa se anima para relatar que também sua casa havia sido invadida por bandidos que buscavam refúgio durante uma batida policial. Oró continua seu relato dizendo que certa ocasião a troca de tiros entre a polícia e os traficantes acabou ferindo três crianças que brincavam em um terreno no morro, atingidas por balas perdidas. Um outro menino aproveita para contar como o pai teve a perna perfurada por uma bala em um desses tiroteios. Essa situação de risco permanente resultou no aumento do número de alunos na escolinha de futebol, segundo a opinião de Oró.

\*\*\*

Iniciei meu trabalho de campo no Borel em outubro de 1996. Durante três meses acompanhei as atividades desenvolvidas na escolinha de futebol que funcionava no espaço cedido pelo Centro Integrado de Educação Popular (Ciep) Magarino Torres Filho, localizado na parte baixa do morro ou, segundo a linguagem mais utilizada, no asfalto. Nesse período, acumulei um número considerável de anotações de campo e de entrevistas realizadas com os instrutores e o coordenador do projeto, que servirão de apoio para a análise que pretendo aqui desenvolver. Em meio ao material existente, elegi o relato acima transcrito para abrir este texto. E não foi à toa. Essa conversa “casual” se mostrou paradigmática. Nela se pode entrever muitas das questões que pretendo desenvolver e que tentarei explicar à luz da teoria antropológica.

As questões de que tratarei aqui estão longe de dar conta da realidade complexa com a qual me deparei. Em torno do eixo temático esporte e juventude no Borel gravitam outras tantas questões cujas abordagens enriqueceriam ainda mais a inteligibilidade do modo de vida da população estudada. A religião seria uma questão importante nesse sentido. Contudo, me restringirei neste texto à relação entre o esporte, no caso o futebol, e seu

significado enquanto uma alternativa que integra e amplia o campo de possibilidades<sup>1</sup> dessa população e que, segundo a forma como é experimentado, pode se opor ao mundo do crime.<sup>2</sup>

É preciso, antes de tudo, contextualizar o período em que foi iniciado o trabalho de campo para se ter a dimensão exata de que se trata de uma situação-limite. O ano de 1996 se caracterizou como um dos períodos mais violentos na história das favelas localizadas na Tijuca, bairro de classe média da Zona Norte do Rio de Janeiro. Uma verdadeira guerra foi deflagrada entre quadrilhas do tráfico que buscavam sua hegemonia no comércio das drogas no município.<sup>3</sup> As constantes trocas de chefias, causadas pela morte dos líderes ou sua prisão, tornaram as quadrilhas ainda mais vulneráveis. O texto da matéria veiculada em um jornal da época é elucidativo:

A guerra na região do Maciço da Tijuca teve início quando o traficante Marcelo de Lucas, o Café, foi expulso do Morro do Andaraí por Alberto dos Santos Menezes, o Ciro, morto recentemente. A situação se agravou quando Elcio da Silva, o Poi, irmão do ex-chefe do tráfico do Borel, Nélon da Silva, fugiu da prisão. Desde então, Poi vem tentando unificar o comando do tráfico nos morros da Chácara do Céu, Casa Branca, Cruz, Formiga, Salgueiro, Chacrinha e Turano. Os líderes do tráfico desses morros resistem à tentativa de Poi de dominar toda a região. Dezenas de pessoas já morreram durante os confrontos entre traficantes. (*JB*, 14/7/1996)

Nessa guerra entre o tráfico, a polícia entra com o objetivo de controlar a situação e acaba se convertendo em mais um agente do conflito. Em um extremo ficam os traficantes, no outro a polícia e, no meio de tudo, a população que habita esses espaços. O trecho transcrito a seguir fornece mais elementos para a construção do quadro de uma época de guerra nessas favelas:

No meio do fogo cruzado dos traficantes, os 3 mil moradores da Chácara do Céu – favela no alto do Morro do Borel – não têm para onde correr. O único refúgio é a Igreja de São Sebastião. O pároco da igreja, padre Olinto Pegoraro, conta que o clima tenso no morro já se estende desde o fim do ano passado. Estamos vivendo uma tensão constante. Não é comum que haja tiroteios com tanta frequência, diz Padre Olinto. O padre evita dar detalhes sobre a guerra. Sabe que, na ausência de poder público, não é aconselhável provocar quem manda, de fato, no morro. Ele diz, no entanto, que nos últimos sete meses pelo menos três moradores foram atingidos por balas perdidas. (*JB*, 26/7/1996)

Ao escolher o Borel como local para realizar meu trabalho de campo,<sup>4</sup> utilizei como critério o conhecimento que já tinha de um projeto que desenvolvia atividades recreativas na comunidade, entre elas a escolinha de futebol. Buscava observar a importância do esporte, a partir da prática do futebol, na vida de jovens das camadas populares. Não pensava em me deparar com um espaço tão fortemente marcado pela violência – nos termos em que ela se apresentava –, ainda que não ignorasse sua existência.

A ocupação dos morros pelas organizações do tráfico de drogas é uma realidade que data do final da década de 70 e que adquiriu na década seguinte uma forte intensidade. A grande veiculação pela mídia dos conflitos existentes entre as diferentes facções do crime organizado, bem como estudos realizados sobre o tema, revelaram a lógica intrínseca às atividades em torno do tráfico, assim como delimitaram as redes de relações sociais entre os traficantes, os moradores das favelas e os demais habitantes da cidade. Em artigo recente, Zaluar<sup>5</sup> traça um percurso histórico em que se pode entrever as dimensões que o tráfico adquire em cidades como o Rio de Janeiro, analisando-o a partir de um contexto mais abrangente onde esse fenômeno aparece encapsulado por uma realidade cujos valores de justiça e bondade se apresentam de forma comprometida devido à ambigüidade com que tais valores são manipulados nas diferentes esferas da sociedade. O quadro retratado pela autora vai descortinando um país onde a violência surge como prática difusa e fora de controle, presente em diversos níveis sociais, sendo o tráfico, e as guerras dele decorrentes, uma de suas formas mais exacerbadas. Assim, a existência desse tipo de violência em locais como o Borel não é em si uma novidade, e sim as proporções verificadas, trazendo conseqüências que acabaram comprometendo o dia-a-dia dos moradores do local.

O cenário com o qual me deparei quando do início de minha incursão ao campo era o de uma situação-limite. O morro ocupado pela polícia vivia um momento peculiar – muito embora se saiba que a ocupação policial é uma possibilidade iminente nas favelas. Seguindo as pistas do texto “Observando o familiar”, de Velho, percebi que poderia tirar dali algumas vantagens, visto que essas situações de ruptura do cotidiano podem contribuir para a compreensão da lógica que rege a manutenção da ordem existente na sociedade, uma vez que esses dramas sociais fazem aflorar com maior evidência os contornos entre os diferentes grupos e seus valores (Velho, 1978).

Era dentro desse contexto de violência extrema que a escolinha de futebol estava inserida, constituindo-se em uma alternativa de lazer para as crianças e adolescentes moradores do Borel. O intuito de apreender o significado desse tipo de experiência se apresenta como o interesse central deste texto, sendo

a violência um aspecto que influencia de forma decisiva as práticas ali desenvolvidas.

Um dos mais evidentes efeitos dessa realidade foi a restrição que a população sofreu, durante o período de crise, em relação ao uso do espaço público na comunidade. A rua virou um local perigoso e que deveria ser evitado.<sup>6</sup> Essa impossibilidade reduziu as áreas de sociabilidade e, portanto, a convivência dos indivíduos com os seus pares ou, segundo orientação de Park, com seu *grupo primário* (Park, 1979).<sup>7</sup> As brincadeiras e jogos que ocorriam nas ruas foram coibidos. A relação feita por Oró, do aumento do número de alunos em decorrência da violência, não foi infundada.

A escolinha de futebol desponta como uma alternativa que reúne alguns atrativos. São eles: oferta de uma atividade que faz parte do universo simbólico de quase todas as pessoas do sexo masculino; atividade que congrega tanto o aspecto lúdico como o profissional, uma vez que se acredita ser possível iniciar uma carreira no mundo do futebol; segurança no que se refere a seu local de funcionamento, possibilitando a convivência com outros jovens, muitos dos quais vizinhos.

Não podemos perder de vista que o futebol no nosso país tem um apelo por si mesmo e que muitos jovens buscariam ingressar em escolas de futebol independentemente de outros aspectos, mas é preciso lembrar também que a expansão urbana, ocorrida nos últimos anos, vem acarretando uma diminuição dos espaços livres, como terrenos baldios, utilizados para as famosas “peladas”. Segundo Sevcenko (1994:36),

as várzeas alagáveis e de pouco valor econômico às margens dos rios urbanos e suburbanos, onde em geral se concentram os bairros operários, sempre foram as áreas favoritas para a proliferação dos campos e times improvisados, amadores de fim de semana, e onde treinam intensamente os jovens obstinados, sonhando com a carreira, a consagração e a glória.

A ocupação desses terrenos e a conseqüente escassez de locais para o jogo de futebol espontâneo<sup>8</sup> vêm imprimindo mudanças nas formas de vivência dessa prática esportiva. A declaração dada pelo então novo ministro extraordinário de Esportes, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, aponta para a preocupação com esse dado: “Antes, em todas as grandes cidades havia espaços para que as crianças se exercitassem naturalmente. Dali surgiram os grandes atletas brasileiros. Hoje, o governo precisa criar mecanismos para substituir esses espaços que não existem mais” (*FSP*, 22/12/94).

A ausência de espaços que proporcionem a prática de atividades de lazer<sup>9</sup> tem permeado a preocupação e o direcionamento de uma política na área de

esporte. Como consequência, as atividades esportivas, outrora vividas nesses locais de forma espontânea,<sup>10</sup> são, agora, acompanhadas de direcionamento e regulação. Ou seja, a oferta de alternativas para a sua vivência se dá conjuntamente com a de instrutores que buscam orientar as atividades, transmitindo as regras legítimas do jogo. O esporte-lazer oferecido vai, aos poucos, se constituindo em uma prática mais regulada.<sup>11</sup>

A escola de futebol do Borel, como já foi dito, funciona no espaço cedido pelo Ciep, que possui um pátio na parte de baixo e uma quadra coberta de futebol de salão no terraço do prédio. A escola é considerada um local neutro, não sendo invadida nem pela polícia nem pelos bandidos. Na primeira vez que fui ao Ciep, me deparei com um grupo de jovens que estava sentado na parte da frente do colégio. Eles se vestiam com bermudões, camisetas, tênis de marca, bonés, e ouviam música em um grande rádio. Quando indaguei ao coordenador do projeto se aqueles jovens eram da escolinha, ele me disse o que eu já desconfiava: eram meninos que prestavam “auxílio” ao tráfico e que entravam freqüentemente no Ciep para se proteger de alguma possível perseguição.

Existe também a escolinha que funciona na Chácara do Céu – parte alta do morro mencionada no início do texto, na conversa com Oró.<sup>12</sup> Portanto, o projeto funciona na parte baixa e na parte alta. Esses dois locais do morro não se dividem apenas geograficamente, mas também em termos políticos, pois pertencem a comandos distintos do tráfico. Por isso existe uma rixa entre os grupos, causando o impedimento da livre circulação da população, tanto da parte de baixo como da Chácara do Céu, uma na área da *outra*. Um dos méritos do projeto do esporte, apontado por seu coordenador, foi a quebra dessa fragmentação, uma vez que os campeonatos promovidos criaram espaços reconciliadores. Esse dado aponta para a possibilidade da existência daquilo que Elias (1995) chamou de *processo de pacificação* gerado pelo esporte na Inglaterra do século XVIII.<sup>13</sup> O esporte, como atividade catártica, possibilitaria a convivência civilizada de grupos antagônicos. À análise do esporte realizada por Elias subjaz a visão da necessidade que tem o indivíduo que vive em sociedade de desenvolver mecanismos de controle de seus impulsos para, assim, poder realizar a convivência civilizada.<sup>14</sup> A manifestação esportiva despontaria como um espaço onde o extravasamento desses impulsos se daria através da simulação de lutas que produziria nos indivíduos o que Elias chamou, a partir do pensamento aristotélico sobre o teatro, de *efeito catártico* (Leite Lopes, 1995: 154-155).

Acompanhei as atividades desenvolvidas no Ciep, mais especificamente as aulas de futebol para meninos entre 8 e 12 anos,<sup>15</sup> e as atividades recreativas que antecediam essa aula, tendo como público-alvo jovens de ambos os sexos. Minha presença como observadora das atividades foi, inicialmente, um fator de inibição para as crianças e jovens do projeto. Mas, com o passar do tempo, foi

sendo absorvida pelo grupo da recreação. Já para as crianças que freqüentavam a escolinha de futebol, todas do sexo masculino, minha presença foi sempre um motivo de curiosidade, inibição e às vezes de um certo exibicionismo por parte dos meninos.

O caráter mais solto da recreação em relação ao futebol pôde ser percebido pela forma com que as atividades eram vivenciadas. Um exemplo é o câmbio, uma espécie de jogo que antecede o aprendizado do vôlei – pode-se considerá-lo um vôlei primário, porém possuidor de regras definidas para sua prática. As regras desse jogo, no entanto, não eram aplicadas, tendo sido reelaboradas pelos monitores e alunos. O jogo era muito mais uma brincadeira do que o aprendizado de fato de uma prática esportiva. Já no futebol havia uma intenção dos instrutores de passar as regras e, dos alunos, de incorporá-las.<sup>16</sup> As atividades desenvolvidas na escolinha de futebol eram revestidas de uma certa seriedade, o que não implicava a perda do seu caráter lúdico. Podia-se constatar a existência de um método a ser seguido no aprendizado. Primeiro era feito um aquecimento, depois vinham os exercícios específicos de passe e por fim as partidas entre os meninos. Essa última atividade era a mais ansiada.

Os meninos do futebol chegavam sempre com quase uma hora de antecedência e ficavam aguardando a chegada do instrutor. A subida para a quadra só era permitida com a presença do responsável pelo projeto, algum instrutor ou o coordenador; além disso, ao circular pelos corredores do Ciep, os meninos deviam seguir alguns procedimentos que denotassem uma boa conduta. Deviam estar todos com camisa, não podiam falar alto, xingar, nem fazer tumulto na rampa de acesso à quadra. A aula era sempre precedida da chamada e de um bate-papo inicial. Era nesses momentos introdutórios que o instrutor tentava passar mensagens educativas para as crianças, que, por sua vez, se mantinham quietas para que a falação pudesse terminar logo;<sup>17</sup> mas quando esse momento era prolongado pela empolgação do instrutor, logo eles se dispersavam e pegavam a bola à revelia para, por conta própria, dar início ao tão ansiado jogo. Apesar do pouco tempo de observação, me pareceu que a ligação afetiva forte entre o instrutor Tical e os meninos era um aspecto fundamental para a relação de confiança e respeito observada. Nos momentos em que pude conversar com o instrutor, ele ressaltou o fato de ser procurado por muitos pais para parabenizá-lo pelo trabalho desenvolvido, ao perceberem nos filhos uma mudança de conduta após sua inserção na escolinha de futebol. Na avaliação do coordenador<sup>18</sup> do projeto essa transformação dos meninos se dava devido à aquisição de um senso de responsabilidade. Em suas próprias palavras:

Tinha mudança de comportamento dentro de casa, acordar mais cedo para fazer as tarefas para poder ir jogar, porque senão a mãe não deixava. No dia que precedia um jogo o comportamento deles

era nota dez, porque senão tinha proibição. Os pais traziam respostas favoráveis ao que nós estávamos fazendo porque a criança começava a ter mais responsabilidade, no momento em que o pai está fora de casa e eles ficam à mercê de tudo que tem na comunidade, seja do bem ou do mal; nosso trabalho, duas vezes na semana com eles, pelo menos naqueles dois dias a gente lembrava que acabava o treino e eles tinham que ir para a escola, cobrava deles a ida para escola, até porque quando o grupo começa a conscientizar isso, quem não está no grupo, nesse hábito, fica fora do grupo, porque os outros começam a falar, ele fica envergonhado na hora em que você pergunta se ele está na escola, como é que ele está indo. Então ele começa a mudar o comportamento. É um comportamento que muda com uma lentidão muito grande, mas hoje, quem entra no grupo já entra e toma um baque, porque a quantidade de regras que ele tem que obedecer é muito grande...

O projeto conta com a participação de agentes comunitários, peças importantes para o andamento do trabalho, uma vez que, sendo moradores do Borel, são reconhecidos e legitimados pela comunidade, resultando daí, por sua vez, a aceitação maior do trabalho. Além disso, a familiaridade com os códigos de convivência do morro é importante para o próprio andamento do trabalho, segundo explica o coordenador:

(...) você tem que ficar com o olho muito aberto, por isso os agentes comunitários são perfeitos, porque, por morarem na comunidade, eles também recebem informações que eles utilizam *exclusivamente* dentro do nosso trabalho. Que são essas informações? “O morro está muito mexido, não dá para ter aula.” O que é o morro mexido? O morro mexido é parecido com o que aconteceu aí. Está todo mundo esperando que uma bagunça aconteça, e a bagunça que pode acontecer aí é o marginal estar agitado, e quando ele está agitado é porque ele está sem informação, ele não sabe a que horas a polícia vai chegar. Ele sabe até que ela vai vir, ela está vindo todo dia, mas ele fica apreensivo, e quando ele fica apreensivo o próprio marginal consome mais drogas, fica muito mais agitado e muito mais inseqüente.

O projeto “Criança brinca, comunidade aprende”, mesmo sendo implantado por agentes externos à comunidade – técnicos de uma ONG – é bem aceito porque, antes de tudo, atende a uma reivindicação da mesma,<sup>19</sup> que solicitou um projeto na área de esporte e lazer, além de integrar pessoas do próprio Borel e da Chácara do Céu (cada um trabalhando em suas respectivas áreas). O esporte se converte, dessa forma, em um veículo atrativo para objetivos que ultrapassam a performance esportiva. O caráter lúdico contido nas práticas esportivas tem um

poder atrativo muito maior para as crianças e jovens do que outras atividades.<sup>20</sup> Segundo Gusdorf (1967), o mundo infantil seria a *pátria do jogo*, visto que é nesse período da vida que o espírito lúdico se manifestaria com maior intensidade. O futebol é tido, então, como um facilitador para o intuito de socialização desses jovens.

A escola de futebol, portanto, pode ser percebida como uma espécie de “*escola de moralidade*” semelhante ao que sugere Wacquant (1995) em seu estudo sobre uma sala de boxe (*gym*) em um gueto negro de Chicago. O estudo de Wacquant deixa entrever algumas similitudes com o que está sendo realizado no Borel. Em sua incursão ao *gym* ele pôde perceber a importância da participação dos indivíduos como alunos de boxe para além da prática esportiva em si. A sala de boxe é considerada uma alternativa diante da vida violenta do gueto, acompanhada da aquisição de valores morais que afastariam os frequentadores do mundo da marginalidade. Para este autor (1989: 42), “*la salle n’est pas seulement le lieu d’un exercice rigoureux du corps; elle est aussi le support de ce que Simmel appelle la ‘sociabilité’, ces processus purs d’association qui sont à eux-mêmes leur propre fin, ces formes sociales à la limite dépourvues de contenu, ou dotées de contenus socialement anodins*”.<sup>21</sup>

O grupo de jovens que participa da escolinha de futebol tem que incorporar suas regras – sejam as do jogo propriamente dito, sejam as de convivência civilizada com os companheiros e a comunidade de um modo geral. Qualquer atitude que denote uma resistência às regras pode ser motivo para alguma repreensão e, dependendo da gravidade, até mesmo para a suspensão das aulas. Essa prática regrada do futebol faz com que valores importantes que regem a vida social sejam introjetados muitas vezes de forma sub-reptícia. Bourdieu (1983) apontava para essa dimensão do esporte como forjador de caráter, ou melhor dizendo, de um certo tipo de caráter que cria uma disposição no jovem de vencer em conformidade com as regras, na medida em que é suscitado no mesmo um sentimento de coragem e virilidade.

O que faz com que esses jovens se submetam a uma disciplina à qual não estão acostumados é algo que pode ser explicado, em grande parte, pelo significado do futebol para a nossa sociedade. A esse respeito, vários autores desenvolveram explicações que dão conta desse fenômeno (DaMatta, 1982; Guedes, 1997; Leite Lopes, 1994; Murad, 1995). DaMatta, por exemplo, destaca a importância do futebol como elemento constitutivo da nossa identidade – o que nos dá pistas para compreendermos essa forte adesão observada até aqui: “O futebol no Brasil, assim, além de ser um esporte, é também uma máquina de socialização de pessoas, um sistema altamente complexo de comunicação de valores essenciais (cf. Levine, 1980) e um domínio onde se tem a garantia da continuidade e da permanência cultural e ideológica enquanto grupo inclusivo” (DaMatta, 1982: 40).

Além do gosto do futebol por si mesmo, existe ainda a adesão à sua prática como ampliação do campo de possibilidades para esses jovens. O futebol é em muitos aspectos a alternativa, mesmo que ilusória, de alcançar o tão cobiçado sonho – que é alimentado pela sociedade de consumo e embala a maior parte da população – de poder comprar itens de consumo cujo valor simbólico é inestimável e cuja aquisição é vista pelos jovens como concomitante à sua aceitação na sociedade de um modo geral. Esse desejo revela uma adesão aos valores hedonistas, característicos das sociedades capitalistas modernas.<sup>22</sup> Para poderem dar vazão a esse desejo, a via do trabalho honesto, nos moldes tradicionais, não é a mais indicada.<sup>23</sup> É nesse sentido que o tráfico acena com a possibilidade mais imediata de alcançar tal sonho. Entretanto, todos sabem que essa é a opção mais perigosa e efêmera. O futebol surge então como uma luz no fim do túnel, como a chance de desfrutar os prazeres da vida pela via honesta do esporte profissional.

A mitificação pela população que sofrem os craques do futebol, os privilégios que recebem, aliados às histórias de vida de cada um desses craques – a maioria de origem humilde –, alimentam em cada jovem do sexo masculino o sonho de tornar-se o próximo craque a ser descoberto. Cabe lembrar aqui que, segundo Huizinga, o *espírito do jogo* implica a possibilidade do *faz de conta* ou do *ser temporário*.

O estudo de Guedes (1982) em um subúrbio do Rio evidencia o quanto é marcante em determinada fase da vida – sobretudo na faixa etária de 15 a 20 anos – o sonho de jogar futebol em um time de primeira divisão e tornar-se um jogador reconhecido. Na medida em que o tempo passa, o sonho dá lugar ao discurso da ausência de sorte por não ter sido descoberto, desembocando por fim na fase em que o futebol passa a ser apenas uma diversão.

Todavia, enquanto o sonho de ser craque persiste, a vivência nas escolinhas de futebol vai consolidando valores que tornam a adesão ao mundo do crime mais difícil. Não existe nada que impeça a circulação entre esses dois níveis da realidade. A noção de metamorfose desenvolvida por Velho (1994) auxilia na compreensão desse trânsito entre os diferentes domínios e situações colocados pelo mundo social. É esse *potencial de metamorfose* que possibilitaria aos indivíduos estar em domínios distintos sem se sentir completamente absorvidos por eles; esse *potencial* permite ao indivíduo participar de uma gama de códigos e mundos sem ser afetado psicologicamente (Velho, 1994). Por isso, o garoto que participa do futebol também pode, eventualmente, fazer algum “ganho” prestando rápidos serviços ao tráfico; no entanto, conforme essas práticas se tornam mais freqüentes, mais difícil será a volta; dito de outra forma, o jovem que mergulha cada vez mais fundo no mundo do crime percebe que sua “reconversão” é menos provável (embora seja sabido que muitos bandidos perigosos converteram-se a religiões, passando a repudiar seu passado) e vice-versa. O *potencial*

esclarece tal vínculo: “Assim, em Inglaterra, durante o século XVIII, a principal divisão política era a que existia entre facções de grupos proprietários rurais, entre *whigs* e *tories*, cuja rivalidade não se encontrava enraizada num antagonismo de classes sociais diferentes, com um estilo de vida, objetivos sociais e interesses econômicos também diferentes. (...) Não é necessário considerar aqui o encadeamento total das circunstâncias que conduziram ao aparecimento desta formação total única, a pequena nobreza inglesa. Mas, sem fazermos referência a isso, não se pode compreender corretamente a natureza do processo de pacificação pelo qual passou Inglaterra no decurso do século XVIII, e que se encontrava intimamente associada à emergência do governo parlamentar em Inglaterra e, também, aos passatempos existentes sob a forma de desportos.” (1995: 53-54)

14. A análise desenvolvida por Elias sobre o processo civilizador envolve vários pontos, entre os quais se destacaria o monopólio da violência pelo Estado. Diversos mecanismos são percebidos como formas de inculcação de um autocontrole necessário para a convivência nessa nova configuração imposta pela formação dos Estados-nação. O processo civilizador, embora apontando algumas tendências, não pode ser visto como um processo linear. Todo o trabalho de Elias é marcado pela análise de processo onde o resgate de uma sociogênese se constitui mais como um mecanismo de entendimento do que como um inevitável caminhar histórico. Nesse sentido, algumas críticas feitas ao trabalho de Elias, principalmente as que dizem respeito ao recrudescimento da violência, perdem o sentido. Quando Elias analisa o esporte como um mecanismo de autocontrole e, portanto, de pacificação, ele está falando a partir de um local e período específicos, a

Inglaterra dos séculos XVIII e XIX. Se a tendência é delineada, a investigação de cada realidade específica é uma necessidade *sine qua non* para a sua verificação. Para um entendimento mais complexo e rico do pensamento de Elias ver Leite Lopes (1995), no que se refere à relação esporte e processo civilizador, e Neiburg (Prelo), para a compreensão do lugar da violência no pensamento *eliasiano*.

15. A escola de futebol era dividida em duas turmas cujo critério era a idade. A turma das 16 horas era formada por garotos de 8 a 12 anos e a turma das 17 horas por jovens maiores, na faixa de 13 a 18 anos.

16. A diferenciação em relação à forma de encarar as regras do jogo entre as atividades recreativas e de futebol embute a questão de gênero. Como ainda não possuo material etnográfico que me permita fazer afirmações a respeito, deixo apenas registrada a necessidade de um olhar sobre o assunto.

17. No texto “A construção do corpo masculino nas escolinhas de futebol”, Guedes (1998) descreve uma rotina semelhante à encontrada na escola de futebol do Borel. A preleção parece ser um dado importante para experiências desse tipo.

18. A maior parte das informações de campo que tenho se devem à observação no local e a conversas informais. Realizei apenas três entrevistas utilizando o gravador, todas elas com o coordenador do projeto de esporte. Essa opção se deveu ao fato de que o coordenador não estava o tempo todo em campo, pois ele era o mediador entre o campo – local de realização do trabalho – e a sede do Roda Viva, que na ocasião funcionava na Uerj.

19. O projeto levou mais de dois anos para se estabelecer na comunidade. Das propostas que surgiram (oficina profissionalizante, educação de adulto

etc.), o esporte, mais especificamente o futebol, acabou por consolidar e legitimar a presença da Ong na área. Existe também um projeto de reforço escolar que também funciona no Ciep.

20. Segundo Huizinga, o caráter lúdico está vinculado à espontaneidade. A profissionalização dos esportes impediria (ou minimizaria) a possibilidade lúdica contida no jogo. Elias também chamará a atenção para o fato de que a busca da excitação através do esporte é considerada muito mais a partir da sua prática como atividade de lazer, e não tanto pelos que o praticam com fins profissionais. Para estes últimos, o esporte se converteria em uma atividade profissional como outra qualquer, sujeita aos mesmos tipos de constrangimento (Elias, 1995: 99). Embora Huizinga e Elias convirjam no que se refere ao efeito da profissionalização do esporte, é importante marcar que esses autores apresentam diferenças tanto no que se refere ao tema quanto à perspectiva analítica que cada um desenvolve.

21. “A sala de boxe não é somente o lugar de um exercício corporal rigoroso; ela é também suporte daquilo que Simmel chama a ‘sociabilidade’, esses processos puros de associação que são eles mesmos seu próprio fim, essas formas sociais no

limite desprovidas de conteúdo, ou dotadas de conteúdos socialmente anódinos.”

22. Se, por um lado, os valores hedonistas funcionam como mola propulsora para a busca de alternativas para que os jovens vejam satisfeitos seus sonhos, por outro lado, na medida em que começam a participar da rotina esportiva, vão tomando contato com o ascetismo embutido nessa prática. A disciplina imposta é acatada e absorvida. Desse modo, valores antagônicos acabam se complementando nesse processo. O caráter ascético encontrado na prática futebolística é bem retratado por Leite Lopes e Maresca (1992), quando os autores se utilizam da trajetória dos jogadores Garrincha e Pelé, tomando-os como paradigmas opostos; o primeiro, representando a busca dos prazeres da vida e, o segundo, a perseguição da técnica alcançada através do rigor disciplinar tanto fora como dentro do campo, que vai caracterizando um novo estilo de futebol.

23. Zaluar (1985) demonstra bem isso quando mostra que os jovens acabam verificando que o trabalhador é um otário, que trabalha como um escravo para quase nada receber em troca.

### Referências bibliográficas

ALVIM, Rosilene. 1994. “Meninos de rua e criminalidade: usos e abusos de uma categoria”. In: *Candelária um ano depois*, NEPI/IFCS/UFRJ.

BOURDIEU, Pierre. 1983. “Como é possível ser esportivo?”. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero.

DA MATTA, Roberto. 1982. *Universo do futebol – esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Pinakotheque.

——— et alii. 1994. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”, *Revista da USP, Dossiê futebol*, São Paulo, Edusp, n. 22.

- DECCACHE-MAIA, Eline. 1997. "Pobreza, crime e trabalho", *Boletim Técnico do Senac*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, maio/ago.
- ELIAS, Nobert & DUNNING, Eric. 1995. *A busca da excitação*. Lisboa, Difel. (Memória e Sociedade).
- GUEDES, Simoni L. 1982. "Subúrbio: celeiro de craques". In: *Universo do futebol - esporte e sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheque.
- . 1988. *Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói, Eduff.
- GUSDORF, Georges. 1967. "L'esprit des jeux". In: *Jeux et sport - Encyclopédie de la Pléiade*. Paris, Gallimard.
- HUIZINGA, Johan. *Homo-Ludens*. 4ª ed. São Paulo, Perspectiva.
- LOPES, José Sérgio Leite. 1994. "A vitória do futebol que incorporou a pelada", *Revista da USP, Dossiê futebol*, São Paulo, Edusp, n. 22.
- . 1995. "Esporte, emoção e conflito social", *Mana*, n. 1, out.
- & MARESCA, Sylvain. 1992. "A morte da alegria do povo", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 20, out.
- MURAD, Maurício. 1995. "O lugar teórico da sociologia do futebol", *Revista de Campo*, Rio de Janeiro, Uerj, n. 2.
- NEIBURG, Federico. "O naciocentrismo das ciências sociais e as formas de conceituar a violência política e os processos de politização da vida social". In: WAIZBORT, L. (org.), *Dossiê Nobert Elias*. São Paulo, Edusp (prelo).
- PARK, Ezra. 1979. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". In: VELHO, Otávio (org). *O fenômeno urbano*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Zahar.
- SEVCENKO, Nicolau. 1994. "Futebol, metrópoles e desatinos", *Revista da USP, Dossiê Futebol*, São Paulo, Edusp, n. 22.
- VELHO, Gilberto. 1978. "Observando o familiar". In: *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar.
- . 1994. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro, Zahar.
- WACQUANT, Loïc J. D. 1989. "Corps et âme: notes ethnographiques d'un apprenti-boxeur", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 80, nov.
- . 1995. "Protection, discipline et honneur: une salle de boxe dans le ghetto américain", *Sociologie et sociétés*, vol. 27, n. 1, p. 75-90, printemps.
- ZALUAR, Alba. 1985. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, Brasiliense.
- . 1993. "A criminalização de drogas e o reencantamento do mal", *Revista do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Uerj, ano 1, n. 1.
- . 1994. *Cidadãos não vão ao paraíso*. São Paulo, Escuta; Campinas, Unicamp.
- . 1998. "Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil". In: *História da vida privada no Brasil*, vol. 4. São Paulo, Companhia das Letras.
- (Recebido para publicação em outubro de 1998).